



Análise de Conjuntura

Boletim periódico da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados

Os textos são da exclusiva responsabilidade de seus autores. O boletim destina-se a promover discussões sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados.

NESTA EDIÇÃO: 1. Desempenho da economia brasileira.
2. Morte do Senador Ted Kennedy.

A queda na produtividade industrial e as dificuldades nas exportações de manufaturados

A produção industrial vem apresentando uma forte recuperação. Desde dezembro de 2008, a retomada vem ocorrendo a 1,63% ao mês, o que representa uma expansão de 12,0% nos primeiros sete meses do ano, mais acelerada do que no período pré-crise, que apresentava crescimento de 0,56% ao mês ou 7,0% ao ano.

A taxa de desemprego também mostra recuperação, devendo ser destacado que o índice apurado em julho, de 8,0%, é o menor de toda a série histórica para o mês.

Por outro lado, há dificuldades. A indústria ainda enfrenta uma situação de baixa produtividade, uma vez que a redução do custo da folha de pagamentos, de 5,9%, foi inferior à redução na produção, de 13,6%. Os dados são do período de setembro de 2008 a junho de 2009.

Por sua vez, as exportações de produtos manufaturados não apresentam reação e seguem em patamar reduzido, muito próximo ao observado no início do ano: até a segunda semana de agosto, essas vendas totalizavam US\$ 183,6 milhões por dia útil; em fevereiro eram de US\$ 181,3 milhões.

Expediente

Boletim de Análise de Conjuntura (BAC). Ano 1, nº 27. Quinta-feira, 3 de setembro de 2009.

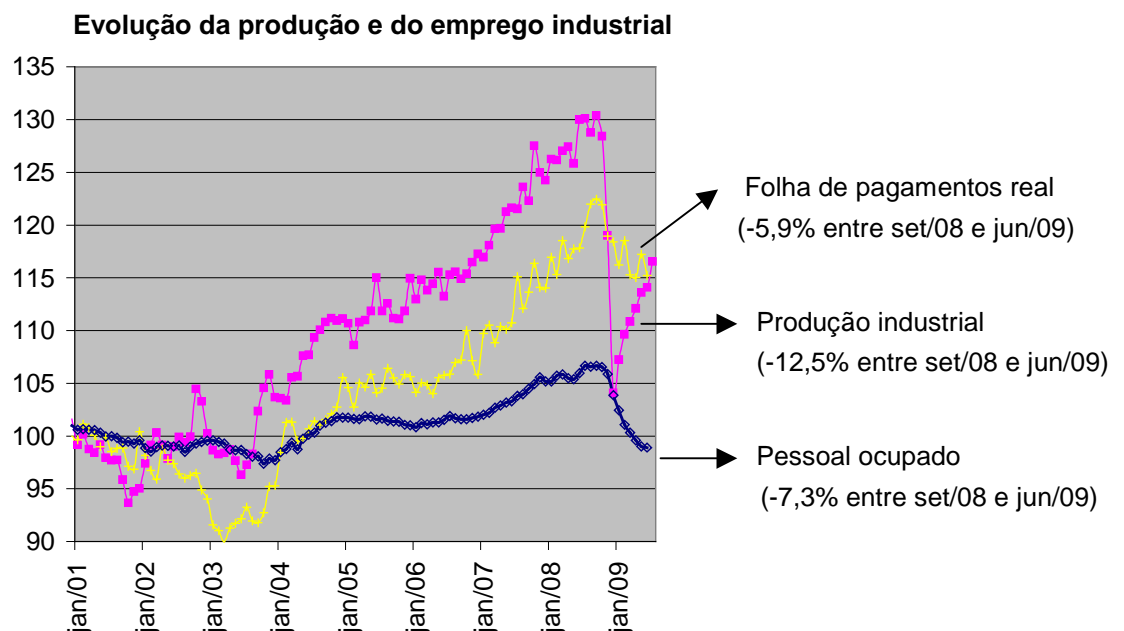
Colaboraram neste número: Marcelo Barroso Lacombe (coordenador), Marcos Pineschi Teixeira e Aurélio Guimarães Cruvinel e Palos.

O Boletim de Análise de Conjuntura é uma publicação da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Destina-se a promover o debate sobre temas de conjuntura e não reflete a posição de parlamentares, de suas assessorias ou do corpo técnico da Câmara dos Deputados, incluída a Consultoria Legislativa.

Produtividade industrial ainda baixa, mas em recuperação

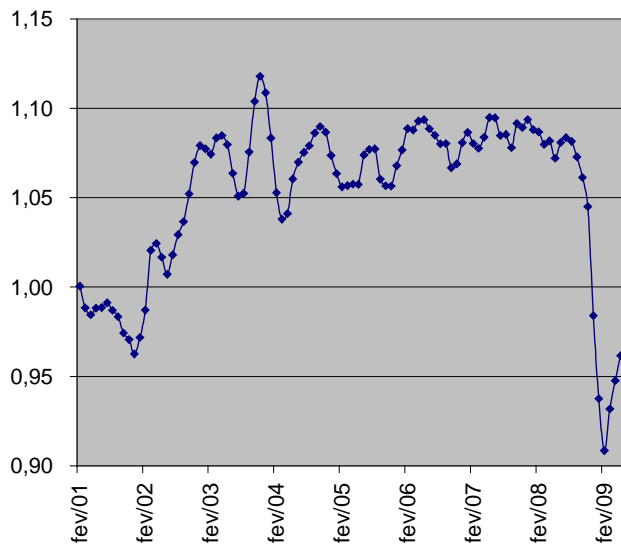
No último trimestre de 2008, a produtividade industrial apresentou a substancial queda de 17,3%. Comparando os indicadores de junho de 2009 com os de setembro de 2008, houve redução no quantitativo de pessoal ocupado e na folha de pagamentos em valores reais, embora em percentuais inferiores aos da queda na produção. Desta forma, apesar da recuperação recente, a produtividade ainda acumula perdas de 8,2% em relação a setembro de 2008 (mensuração em relação à folha de pagamentos).

Do ponto de vista dos empregados, evitou-se uma queda ainda maior do nível de emprego. Por outro lado, a menor produtividade pode levar a uma situação de fragilidade econômica e financeira, corroendo os balanços das empresas.



A relação entre produção e folha chegou ao menor nível dos últimos sete anos. Ainda que seja mantido o elevado ritmo da recente recuperação da produtividade industrial, o patamar observado em julho de 2008 apenas será alcançado a partir do início de 2010.

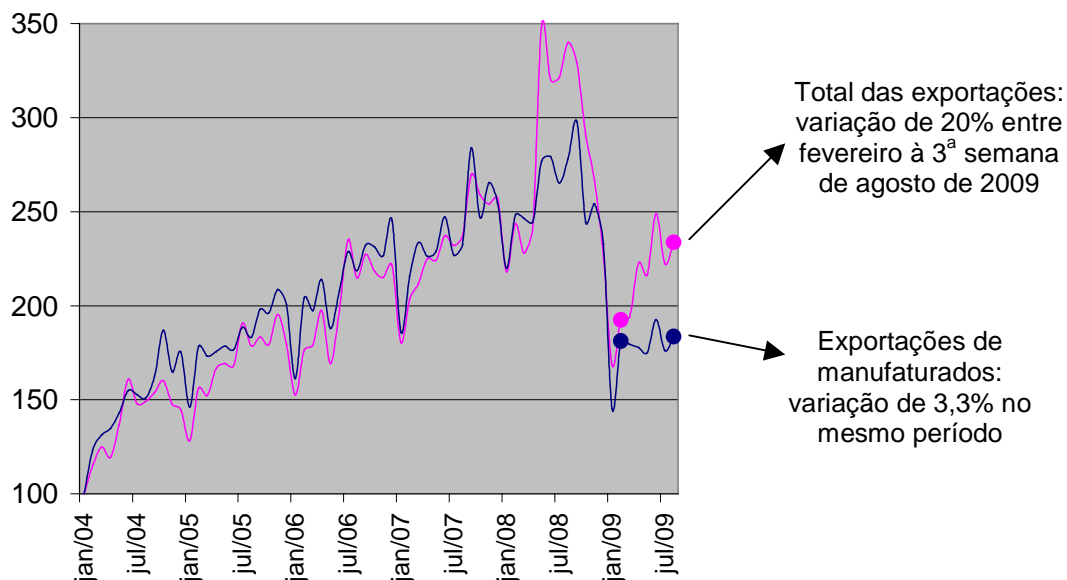
Relação entre produção industrial e folha de pagamento



Dificuldades nas exportações de manufaturados

Em 2009, o total exportado por dia útil apresentou recuperação de 20,2% no período de fevereiro de 2009 à terceira semana de agosto. Contudo, esse desempenho não foi acompanhado pelo das vendas de produtos manufaturados ao exterior, que apresentaram variação de apenas 3,3%.

Evolução do total exportado por dia útil
 (janeiro de 1994 = 100)



A propósito, o estudo “Brasil Sustentável – Horizontes da Competitividade Industrial” elaborado pela FGV e pela consultoria *Ernst & Young*, divulgado em maio deste ano, sugere que até 2030 as exportações brasileiras de manufaturados deverão crescer a apenas 1,8% ao ano, ao passo que as importações mundiais desses bens devem se expandir a 3,7% ao ano, e as importações brasileiras de manufaturados a 5,6% ao ano.

Em que pese a incerteza inerente a projeções de prazo tão longo, o estudo afirma que a perda de competitividade fará com que o perfil de nossas exportações seja composto cada vez mais de produtos básicos. A competitividade deficiente seria relacionada a fatores como custo crescente de energia, gargalos em infraestrutura, sistema tributário que encarece o preço final dos bens e investimentos insuficientes em pesquisa e desenvolvimento

Bom desempenho da produção industrial

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal divulgada pelo IBGE, a elevação do ritmo da atividade industrial em julho, de 2,2%, ocorreu de forma generalizada, atingindo a maioria dos setores industriais e contribuindo para que fosse obtida a expansão de 12,0% em 2009.

É importante destacar a recuperação do setor de máquinas e equipamentos, que após queda de 30,8% no período de setembro a dezembro de 2008, havia sofrido, até junho desse ano, queda adicional de 5,9%. Contudo, no mês de julho, houve retomada de 8,9% nesse setor.

O IBGE aponta, ainda, o avanço de 4,5% no setor de metalurgia básica, que mostra crescimento por quatro meses consecutivos, influenciado pelo retorno à operação de alguns altos fornos.

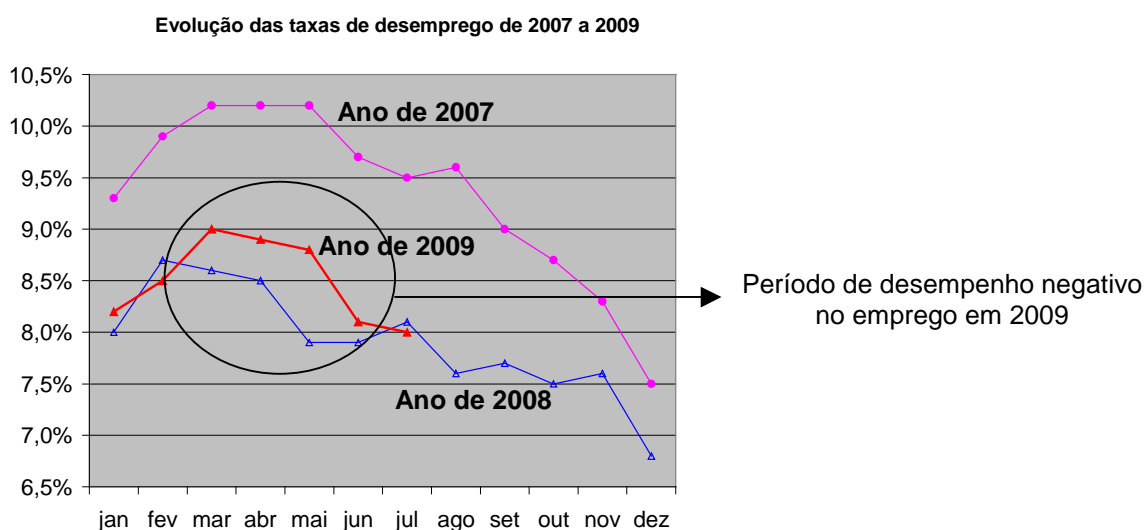
Por outro lado, a produção de veículos mostra desaceleração. A produção em julho é praticamente a mesma de junho (variação de +0,06%). É possível que o setor esteja prevendo desaceleração nas vendas, a despeito das quedas nas taxas de juros, da expansão do crédito e da manutenção do benefício do IPI até outubro.

Mesmo com essa recuperação, a produção é ainda inferior ao período pré-crise. Assim, a produção industrial de julho de 2009 é 10,6% menor que a de setembro do ano passado e superior apenas à produção que havia sido observada há 30 meses, em novembro de 2006.

Evolução favorável do emprego

Nos meses de março a maio, as taxas de desemprego apuradas pelo IBGE (na Pesquisa Mensal de Emprego) foram piores que as observadas no mesmo período de 2008, conforme se observa no gráfico indicado a seguir.

Contudo, no mês de julho de 2009 a taxa de 8,0% é a menor da série histórica para o mês, uma vez que o índice havia sido de 8,1% em 2008, de 9,5% em 2007 e de 10,8% em 2006, o que denota o desempenho favorável do mercado de trabalho.



Os números do CAGED acumulam, desde fevereiro, saldos mensais positivos que representam a recuperação de quase 540 mil empregos formais, aproximadamente 2/3 dos postos perdidos no auge da crise, de outubro de 2008 a janeiro de 2009.

Os setores de serviços (+263 mil postos), agropecuária (+158 mil postos) e construção civil (+111 mil postos) são os que apresentaram os melhores resultados em 2009. Na outra ponta, a indústria de transformação amargou destruição de 127 mil postos desde o início do ano.

O bom desempenho no comércio

No setor varejista, o índice das vendas em janeiro desse ano já havia sido suficiente para suplantar os patamares existentes em setembro de 2008, antes dos efeitos da crise atingirem o setor. Atualmente, esse índice é 6,3% superior ao de setembro do ano passado, no período pré-crise.

Mais recentemente, apesar do declínio registrado em abril, houve vigorosa recuperação das vendas de veículos, motos, partes e peças, fazendo com que o índice registrado fosse, ao final do primeiro semestre, 4,4% superiores ao de setembro de 2008. Com essa expansão, o índice ampliado de vendas, que contempla esses itens, apresentou também crescimento de 4,5% no período.

Em suma ...

A recuperação dos efeitos da crise vem ocorrendo de forma expressiva, apesar da produção industrial não ter ainda alcançado o patamar pré-crise, prejudicando o emprego na indústria, e dos sinais de arrefecimento do setor automotivo.

Contudo, a ressalva importante refere-se ao desempenho das exportações, sobretudo de itens de maior valor agregado. Consideramos ser

oportuno acompanhá-lo, inclusive face à expectativa de longo prazo do comércio desses bens apresentar crescimento maior que a de produtos básicos no âmbito do comércio internacional.

O futuro do Partido Democrata e a morte do Senador Ted Kennedy

O momento de fortes mudanças no cenário internacional ressalta a morte do Senador Ted Kennedy, grande perda para a política americana.

Combativo na defesa de direitos sociais e na luta contra o comunismo, o destacado político caracterizou-se por grande habilidade na negociação congressual e na condução do processo legislativo. Sua morte é perda importante para o Partido Democrata e o novo presidente.

Senador dos senadores

A cena internacional foi marcada na semana passada pela morte de Ted Kennedy, senador desde 1962. Apesar de ter suas ambições à presidência dos EUA frustradas por questões pessoais e políticas, Kennedy consolidou-se como liderança incontestável no Senado dos EUA. Nas palavras do primeiro ministro britânico Gordon Brown, foi “senador dos senadores”.

Em sua carreira, conseguiu aprovar mais de 300 projetos de lei. Foi líder da maioria democrata de 1969 a 1971, presidente da Comissão do Judiciário de 1979 a 1981, presidente da Comissão de Trabalho de 1987 a 1995 e presidente da Comissão de Saúde, Educação, Trabalho e Seguridade Social de 2001 a 2003 e de 2007 a 2009. Sua atuação estendeu-se a outros temas, de imigração à luta contra o *apartheid* e à defesa da pesquisa sobre o câncer.

Em sua vida pública, o senador Ted Kennedy simbolizou o compromisso do Partido Democrata com a expansão dos direitos políticos e sociais para as minorias étnicas daquele país, especialmente os afroamericanos e latinos, e com a luta contra o comunismo, que dominou a política americana após a Segunda Guerra Mundial.

Seu trabalho como legislador e sua importância para os democratas devem ser compreendidos no contexto da preocupação social que foi um dos marcos de sua plataforma. A primeira onda de reformas sociais realizadas sob a égide do Partido Democrata seria liderada pelo presidente Franklin Roosevelt entre 1932 e 1945, com a criação da seguridade social, a reforma do sistema financeiro e a condução de políticas de expansão econômica de feição keynesiano.

A segunda onda de reformas sociais promovida pelos Democratas viria nos anos sessenta, com o alinhamento de John Kennedy às lutas dos movimentos afroamericanos por leis antidiscriminatórias no acesso a serviços públicos e, sobretudo, ao exercício de direitos políticos. Esta segunda onda de reformas sociais seria continuada pelo sucessor de Kennedy, Lyndon Johnson.

Os anos sessenta foram marcados também pela escalada da Guerra do Vietnã, cuja intervenção americana foi iniciada pelo presidente Kennedy e prosseguida por Johnson e Nixon. Na América Latina, o mundo testemunhou a implantação de ditaduras militares anticomunistas, muitas das quais apoiadas, direta ou indiretamente, por governos americanos. Anos depois, seria um presidente democrata, Jimmy Carter, quem promoveria a denúncia dos atentados aos direitos humanos por esses regimes, sinalizando uma mudança de rumo no sentido da redemocratização no continente.

Ted Kennedy, em sua atuação política, enfrentou as questões do seu tempo. Lutou pela expansão dos direitos sociais na área de saúde, contra a discriminação racial em leis de imigração, contra a escalada da Guerra do Vietnã, no governo Nixon, e pela defesa dos direitos humanos nas ditaduras comunistas da Europa do leste. A América Latina não esteve entre suas principais preocupações, exceção feita ao regime comunista de Cuba.

Sua liderança no Senado fez-se sentir em torno de questões específicas, especialmente nos períodos em que foi presidente de comissões, onde sua retórica poderosa e sua habilidade negociadora eram amplamente reconhecidas.

Personalidade insubstituível no Congresso dos EUA

Estaria a morte de Kennedy coincidindo com o início de uma nova era de transformação política e social nos EUA, sob a liderança do Partido Democrata?

Obama foi eleito com uma campanha prometendo mudanças profundas na sociedade americana, tendo recebido apoio ativo do próprio Senador Ted Kennedy. Depois dos anos Bush, marcados pelo unilateralismo internacional e por uma política econômica com ênfase na desregulação, esta promessa pode parecer para alguns como um sinal efetivo de renovação internacional. Entretanto, o novo presidente encontra uma cena interna e externa que limita a margem de manobra de sua gestão.

O comunismo já se desvaneceu como ameaça mundial, mas líderes que desafiam a preeminência americana ainda estão presentes na América Latina e no Oriente Médio. A China representa um desafio político e econômico de grandes proporções. Por sua posição em ativos americanos, a China já tem condições de influenciar políticas macroeconômicas nos EUA. Por outro lado, a expansão global chinesa e a sua ascendência como potência econômica e militar na Ásia obrigam os EUA a buscar a colaboração daquele país em questões globais e regionais com uma deferência que não seria exigida algumas décadas atrás.

As questões ambientais geram fricções na aliança entre EUA e Europa, e até o momento nenhuma solução concreta, no plano externo, foi proposta para contorná-las. Além disso, o desengajamento de forças americanas no Iraque, assim como a extinção da prisão de Guantânamo, ambas medidas prometidas na campanha eleitoral, mostram-se mais difíceis de implementar do que se imaginava.

No plano interno, apesar de deter maioria na Câmara e no Senado, o presidente eleito enfrenta dificuldades para aprovar sua agenda de reformas na área da saúde, onde forte resistência da opinião pública torna o Congresso vacilante na aprovação das propostas de Obama.

A morte de Ted Kennedy ocorre, portanto, em um cenário de fragilidade da liderança americana no plano externo e de resistências, na política interna, à agenda de reformas que o presidente Obama tenta realizar. O caráter quase mítico da liderança de Kennedy no Senado, uma casa que vem atuando na base da contínua negociação e da busca de um consenso, será sem dúvida uma perda importante para o novo presidente.